



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO XXVIII CURSO
SOBRE O FORO INTERNO ORGANIZADO
PELA PENITENCIARIA APOSTÓLICA**

*Sala Paulo VI
Sexta-feira, 17 de março de 2017*

[Multimídia]

Estimados irmãos!

É com prazer que me encontro convosco, nesta primeira audiência depois do Jubileu da Misericórdia, por ocasião do anual Curso sobre o Foro Interno. Dirijo uma saudação cordial ao Cardeal Penitenciário-Mor, enquanto lhe agradeço as amáveis expressões. Saúdo o Regente, os Prelados, os Oficiais e os Funcionários da Penitenciaria, os Colégios dos penitencieiros ordinários e extraordinários das Basílicas Papais na Urbe, e todos vós participantes neste curso.

Na realidade, confesso-vos, o da Penitenciaria é um tipo de Tribunal que realmente me agrada, porque se trata de um tribunal da misericórdia», ao qual nos dirigimos para receber o remédio indispensável para a nossa alma, que é a Misericórdia divina!

O vosso curso sobre o foro interno, que contribui para a *formação de bons confessores*, é útil como nunca, e diria até necessário nos dias de hoje. Sem dúvida, não nos tornamos bons confessores graças a um curso, não: a do confessor é uma «longa escola», que dura a vida inteira. Mas quem é o «bom confessor»? Como nos tornamos bons confessores?

A este propósito, gostaria de indicar três aspetos.

1. O «bom confessor» é, acima de tudo, um verdadeiro *amigo de Jesus Bom Pastor*. Sem esta amizade, será muito difícil amadurecer aquela paternidade, tão necessária no ministério da

Reconciliação. Ser amigo de Jesus significa antes de tudo cultivar *a oração*. Quer uma prece pessoal com o Senhor, pedindo-lhe incessantemente o dom da caridade pastoral; quer uma oração específica para cumprir a tarefa de confessor e para os fiéis, irmãos e irmãs que se aproximam de nós em busca da misericórdia de Deus.

Um ministério da Reconciliação «imbuído de oração» será um reflexo credível da misericórdia de Deus e evitará os dissabores e as incompreensões que, às vezes, se poderiam gerar até no encontro sacramental. O confessor que reza sabe bem que ele mesmo é o primeiro pecador, o primeiro perdoado. Não se pode perdoar no Sacramento sem a consciência de ter sido perdoado primeiro. E por conseguinte a oração é a garantia primordial para evitar todas as atitudes de severidade, que inutilmente julga o pecador e não o pecado.

Na oração é necessário implorar a dádiva de um coração ferido, capaz de compreender as chagas do próximo e de as curar com o azeite da misericórdia, com aquele que o bom samaritano derramou sobre as feridas daquela pobre vítima, de quem ninguém tinha piedade (cf. *Lc 10, 34*).

Na oração devemos pedir a preciosa dádiva da humildade, para que se manifeste cada vez mais claramente que o perdão é um dom gratuito e sobrenatural de Deus, do qual nós somos simples e necessários administradores, pela própria vontade de Jesus; e sem dúvida será do seu agrado se recorrermos generosamente à sua misericórdia.

Além disso, na oração nós invocamos sempre o Espírito de discernimento e de compaixão. O Espírito permite que nos identifiquemos com as dores das irmãs e dos irmãos que se aproximam do confessor, acompanhando-os com discernimento prudente e maduro, e com verdadeira compaixão pelos seus sofrimentos, causados pela pobreza do pecado.

2. Em segundo lugar, o bom confessor é um *homem do Espírito*, um homem do *discernimento*. Quanto mal se causa à Igreja pela falta de discernimento! Quanto mal se provoca às almas com ações que não afundam as suas raízes na escuta humilde do Espírito Santo e da vontade de Deus. O confessor não cumpre a sua vontade pessoal e não ensina uma sua doutrina. Ele é chamado a cumprir sempre e unicamente a vontade de Deus, em plena comunhão com a Igreja da qual é ministro, ou seja, servo.

O discernimento permite distinguir sempre, para não confundir, para nunca «medir tudo pela mesma bitola». O discernimento educa o olhar e o coração, permitindo assim aquela delicadeza de espírito tão necessária diante de quantos nos abrem o sacrário da própria consciência para receber a sua luz, paz e misericórdia.

O discernimento é necessário também porque aquele que se aproxima do confessor pode provir das situações mais diversas; poderia até sofrer de algum distúrbio espiritual, cuja natureza deve ser submetida a um discernimento atento, tendo em consideração todas as circunstâncias

existenciais, eclesiais, naturais e sobrenaturais. Se o confessor se der conta da presença de verdadeiros distúrbios espirituais — que também podem ser em grande parte psíquicos, e isto deve ser averiguado através de uma sadia colaboração com as ciências humanas — não deve hesitar em consultar aqueles que, na diocese, estão encarregados deste ministério delicado e necessário, ou seja, os exorcistas. Mas estes devem ser escolhidos com muito cuidado e com grande prudência.

3. Finalmente, o confessionário é inclusive um *lugar de evangelização*. Com efeito, não existe evangelização mais autêntica do que o encontro com o Deus da misericórdia, com o Deus que é Misericórdia! Encontrar a misericórdia significa encontrar o verdadeiro rosto de Deus, assim como o Senhor Jesus no-lo revelou.

Então, o confessionário é um lugar de evangelização e de formação. No breve diálogo que mantém com o penitente, o confessor está chamado a discernir o que é mais útil e até necessário para o caminho espiritual daquele irmão ou daquela irmã; às vezes será preciso voltar a anunciar as verdades de fé mais elementares, o núcleo incandescente, o *querigma* sem o qual a própria experiência do amor de Deus e da sua misericórdia permaneceria como que emudecida; por vezes será oportuno indicar os fundamentos da vida moral, sempre em relação à verdade, ao bem e à vontade do Senhor. Trata-se de uma obra de discernimento imediato e inteligente, que pode fazer um grande bem aos fiéis.

Com efeito, o confessor está chamado diariamente a ir às «periferias do mal e do pecado» — esta é uma má periferia! — e a sua obra representa autêntica prioridade pastoral. Confessar é uma prioridade pastoral. Por favor, que não haja mais cartazes como estes: «Só confessamos às segundas e quartas-feiras, de tal hora a tal hora». Há que confessar sempre que nos pedirem. E se estás ali [no confessionário] em oração, deixa o confessionário aberto, pois ele é o Coração de Deus aberto.

Caros irmãos, abençoo-vos e desejo-vos que sejais bons confessores: imersos na relação com Cristo, capazes de discernimento no Espírito Santo e prontos para aproveitar a ocasião de evangelizar.

Orai sempre pelos irmãos e pelas irmãs que se aproximam do Sacramento do perdão. Por favor, rezai também por mim!

Eu não gostaria de concluir sem antes dizer algo que me veio ao pensamento, enquanto o Cardeal Prefeito falava. Ele referiu-se a duas chaves e a Nossa Senhora, e gostei disto, e agora digo-vos uma... duas coisas. Fez-me muito bem, quando eu era jovem, ler o livro de Santo Afonso Maria de Ligório sobre Nossa Senhora: *As glórias de Maria*. No final de cada capítulo, há sempre a descrição de um milagre de Nossa Senhora, com o qual ela entra na vida e resolve os problemas. E agora a segunda coisa. Disseram-me que no sul da Itália existe uma lenda, uma

tradição sobre Nossa Senhora: a Nossa Senhora das tangerinas. É uma terra onde há muitas tangerinas, não é verdade? E dizem que é a padroeira dos ladrões [ri, riem]. Dizem que os ladrões vão rezar ali. E a lenda — assim dizem — é que os ladrões que rezam a Nossa Senhora das tangerinas, quando morrem, veem a fila diante de Pedro que com as chaves abre a porta e deixa entrar uma pessoa e depois volta a abri-la e a deixar passar outra; mas quando vê um deles, Nossa Senhora faz-lhe um sinal para se esconder e depois, quando todos passam, ao cair da noite, Pedro fecha a porta e Nossa Senhora chama-o e deixa-o passar pela janela. Trata-se de um conto popular, mas é muito bonito: perdoar com a Mãe ao lado; perdoar com a Mãe. Porque a mulher, o homem que vai ao confessionário tem uma Mãe no Céu, que lhe abrirá a porta e o ajudará no momento de entrar no Céu. Sempre Nossa Senhora, porque Ela nos ajuda também a nós na prática da misericórdia. Agradeço ao Cardeal estes dois símbolos: as chaves e Nossa Senhora. Muito obrigado!

Convido-vos — é hora — a recitar juntos o *Angelus*: «Angelus Domini...».

[Bênção].

Não digais que os ladrões vão para o Céu! Não o digais [ri, riem]!